

GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA EM ASSENTAMENTOS RURAIS: ESTRATÉGIAS DE EMPODERAMENTO FEMININO (MS/BRASIL)

FARIAS, M.F.L.¹; SOUZA, C.M.A², OLIVEIRA, E.R.³

RESUMO

Esta comunicação envolve o Projeto de Extensão sob a responsabilidade da Incubadora de Tecnologias Sociais e Solidárias da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), e conta com a participação de três grupos de mulheres de assentamento de reforma agrária do Estado de Mato Grosso do Sul. Neste momento, apresentaremos apenas um dos grupos: “Grupo de Mulheres dos Assentamentos Guaçu e Santa Rosa”. Os assentamentos estão localizados no município de Itaquiraí-MS, foram criados em 1998 e são resultado da mobilização feita pelos sem-terra em 1997, quando foi formado um acampamento com aproximadamente duas mil famílias na BR/487 neste mesmo município. Segundo informação dos assentados, internamente eles não fazem distinção entre os assentamentos, ela é apenas uma questão de nomenclatura feita pelo INCRA, tanto que, ao se referirem aos assentamentos dizem: Santa Rosa/Guaçu. Quanto à produção, sinteticamente, pode-se dizer que a área é voltada à criação de gado, além desta atividade, as famílias produzem mandioca e culturas para subsistência, mas vivem basicamente da produção de leite. Muitas famílias vivem em condições precárias, sem incentivo para permanecerem em seus lotes e buscam alternativas de renda complementar, especialmente as mulheres. Elas também pretendem conquistar mais autonomia financeira e decisória nos assentamentos e realizam reuniões fomentando debates que resultam na construção de uma identidade grupal e na organização de princípios cooperativos. Diante deste contexto, a UFGD iniciou atividades específicas e diretas com este grupo no intento de incentivar a ampliação de renda, a autonomia financeira e política das mulheres. Por isso, a Incubadora, além de criar alternativas produtivas – especialmente voltadas ao artesanato, à produção de pães e à hortifruti –, traça mecanismos coletivos para discussões sobre relações de gênero, violência doméstica, saúde da mulher, auto-gestão, políticas públicas. Enfim, canaliza reflexões amplas e dialógicas sobre temas do cotidiano dessas mulheres. Assim, este grupo poderá se empoderar e superar mecanismos de desigualdade de gênero e dominação masculina. Isso porque o empoderamento não se pauta apenas no aspecto econômico, mas em um amplo conjunto de conquistas, desde coletivas até individuais, no campo da autoestima, da capacidade de tomar decisões e de criar estratégias de resistências às diversas formas de exclusão, dominação e de poder. A metodologia está pautada em três eixos: *incubação*, *monitoramento* e *avaliação*. A *incubação* consiste em desenvolver as discussões com os grupos que serão incubados, são os primeiros contatos. O *monitoramento* ocorre através de ações definidas em um planejamento coletivo com o grupo e é constante. A *avaliação* e a *autoavaliação* é uma ação fundamental para a operacionalização e êxito do processo educativo de incubação, tendo uma dimensão política e de emancipação. Até o momento (maio de 2011), as mulheres produziram hortifruti em maior quantidade.

¹ Profa. Dra em Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas da UFGD/Dourados-MS.

² Professor Dr. em Engenharia Agrícola da Faculdade de Ciências Agrárias da UFGD/Dourados-MS.

³ Professor Dr. em Zootecnia da Faculdade de Ciências Agrárias da UFGD/Dourados-MS.